

Representação Simbólica da Cerimônia de Casamento Tradicional Angolano¹

Vilmária Bispo dos Santos

vsvilmariasantos@outlook.com

Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV
Universidade Estadual de Santa Cruz.

RESUMO

Estudo introdutório que visa conhecer a respeito da preservação de patrimônio cultural de Angola através de fotografias de casamento tradicional, conhecido como *alambamento*. Utiliza-se a análise semiótica e semiológica em quatro fotografias de *alambamento* para a identificação e interpretação dos seus elementos simbólicos, bem como a sua relação com os principais costumes vigentes da sociedade. Terá como base a teoria semiótica desenvolvida por Sanders Peirce, por se tratar de uma ciência de teoria composta por ampla arquitetura filosófica e abrangente a qual permite a análise estética, ética e lógica sob uma observação fenomenológica e metafísica. Roland Barthes é outro referencial teórico utilizado, sobretudo, nos aspectos de decodificação de significados mediante a noção de semiótica conotativa e denotativa de Hjelmslev sob a teoria da estratificação dos sentidos. As fotografias analisadas foram extraídas de portais online, uma vez que tais imagens estão restritas entre os seus pares nas comunidades.

Palavras-chave: alambamento; fotografia; angola.

¹Artigo desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 1º de agosto de 2016 na Universidade Estadual de Santa Cruz. A versão monográfica foi apresentada em Mesa Redonda no VIII Workshop Internacionalização Universitária na Universidade Estadual de Feira de Santana.

1. Introdução

“Quem educa uma mulher, educa um povo.” O provérbio africano possui autor desconhecido, mas a partir do conhecimento do contexto do papel social da mulher africana, este provérbio sentencia a centralidade da família através do casamento, sobretudo, à formação da mulher para esse momento tão importante. De modo geral o casamento na cultura africana, provavelmente, é uma das instituições sociais mais antigas, apresenta-se em diversos grupos étnicos e por isso, o ritual se reveste de grande prestígio, constituindo tanto para o homem quanto para a mulher, um importante rito de passagem.

Este artigo é parte do resultado de um processo de pesquisa bibliográfica e empírica iniciada em 2015, durante um Intercâmbio Cultural que foi realizado em Portugal. Sendo assim, o recorte espacial escolhido deve-se a fatores como aproximação pessoal com angolanos e identificação de semelhanças com aspectos da cultura afro-brasileira. Para, além disso, Angola faz parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOPs, o que considero um fator favorável para futuras pesquisas e imersões culturais.

Contrariamente ao que se acreditava há muitos séculos, saber sobre África significa tomar consciência de sua própria história e, registrar suas tradições é uma forma de perpetuar memórias cujas significações culturais, simbólicas e indenitárias precisam ser preservadas para que haja as transformações sem que se percam as origens.

A análise das fotografias de casamento tradicional angolano de uma das culturas mais antigas, possivelmente herdada dos povos *bantu*, é um método de decodificação dos seus símbolos, ritos e rituais, bem como de identificação das possíveis relações desta cerimônia com o contexto sociocultural e religioso em que as pessoas envolvidas pertencem. Sendo assim, observa-se ainda, os principais motivos que justificam a sua manutenção da tradição no decorrer dos anos.

A estrutura metodológica deste trabalho, consiste em uma análise semiótica de fotografias de arquivo, com pesquisa bibliográfica, historiográfica e etnográfica. A proposta de aplicação terá como base as teorias semiótica e semiológica desenvolvida por Sanders Peirce e Roland Barthes, sobretudo nos aspectos de decodificação e estratificação dos sentidos mediante a noção de semiótica conotativa e denotativa de Hjelmslev.

Para a identificação e compreensão dos elementos simbólicos presentes nas imagens a serem analisadas, foi necessário e ampliação do meu repertório cultural, sobretudo, no que diz respeito a conhecimentos a partir de diversas áreas como história, religião, antropologia, bem como dos estudos etnográficos dos povos africanos. Tendo em vista que processo de decodificação dos símbolos exige o conhecimento prévio do contexto sociocultural o qual esses símbolos são reconhecidos convencionalmente, pois “se o repertório de informações do receptor é muito baixo, a semiótica não pode realizar para esse receptor o milagre de fazê-lo produzir interpretantes que vão além do senso comum” (SANTAELLA, 2002, P. 6).

2. ANGOLA: aspectos gerais e suas multiplicidades culturais

Assim como a maioria dos países africanos, Angola também possui uma variedade de recursos florestais, principalmente na província de *Cabinda*, floresta do *Maiombe*, onde há madeiras de elevado valor econômico como o sândalo, pau-preto, ébano, pau-raro e pau-ferro. Os solos angolanos são ricos em recursos minerais, principalmente, o petróleo (*Cabinda*, *Soyo* e *Kissama*) e os diamantes (*Lunda* e *Malange*). Além desses, possui ainda grandes jazidas de ferro, manganês, cobre, ouro, chumbo, zinco, urânio volfrâmio e estanho como relata Zau (2002).

Dentre as principais cidades destacam-se Luanda, a capital da República de Angola que em 1988 deveria ter cerca de 2.081.000 habitantes. *Huambo*, com cerca de 203.000 habitantes, *Benguela* 155.000 habitantes e *Lobito* 150.000, segundo dados de 1983. Já a cidade do *Lubango*, em 1984, comportaria cerca de 105.000 habitantes⁵.

A República Democrática de Angola está dividida administrativamente em 18 províncias, lideradas por governadores provinciais, nomeados pelo Presidente da República, que é também o Chefe do Governo. De acordo com a figura 1 ilustrada abaixo, são elas: *Bengo*, *Benguela*, *Bié*, *Cabinda*, *Cunene*, *Huambo*, *Huíla*, *Quando Cubango*, *Kwanza*, *Norte*, *Kwanza Sul*, *Luanda* (Capital), *Lunda Norte*, *Lunda Sul*, *Malange*, *Moxico*, *Namibe*, *Uíge*, *Zaire*.



IMAGEM 1: DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA REPÚBLICA DE ANGOLA
FONTE: CONSULADO GERAL DE ANGOLA

2.1 Principais Influências Culturais

As multiplicidades culturais de Angola estão relacionadas aos processos ocorridos no período pré-colonial. Nesse contexto, os grupos de origem *bantú* devem ser citados como as principais influências do atual mosaico cultural angolano e suas tradições.

Foram as diversas etnias que moldaram o país. No início do século XVI, Portugal iniciou a ocupação na região de *Luanda* e mais tarde também em *Benguela*, mantendo o controle da região até 1975. Sendo assim, tanto Portugal quanto Angola compartilha de

⁵VVAA (2000), *Guia do Mundo/2000*, Trinova Editora, p.18.

aspectos culturais como a língua e a religião cristã católica romana, a qual também se tornou a principal religião no país africano. No entanto, pode-se afirmar que a cultura angolana é, em grande parte, de origem *bantu*, em que mistura tradições e línguas nativas ou dialetos, nesse caso se incluem os *Ovimbundos*, os *Ambundos*, os *Bakongos*, os *Côkwee* outras.

Conforme o linguista Guthrie(2010), a origem da grande massa dos povos de língua *bantu* se situaria em *Shaba* e na região adjacente do nordeste da atual *Zambia*. Angola inicialmente foi a região habitada majoritariamente pelo povo *bantu*. Práticas religiosas, conhecimentos técnicos agrícolas e de mineração, valores sociais, costumes e hábitos de alimentação e tantos outros elementos fizeram parte da bagagem cultural que formou a atual República Democrática de Angola e essas contribuições estão presentes no cotidiano até os dias atuais.

Para Vansina (2010), a partir dos estudos feitos pela antropologia histórica, aponta-se para probabilidades das primeiras formações étnicas regionais existirem desde muito antes de 1500 como, por exemplo, os *Imbangalas* formados pelos *Lunda*, *Luba*, *Ovimbundu* e *Ambundu*. Embora esses povos sejam de suma importância para a compreensão cultural do país, não aprofundarei a respeito devido a sua extensão e complexidade.

De acordo com Malandrino (2010), a partir de 1.100 nota-se uma série de migrações dentro da própria África, que durou aproximadamente dois mil e quinhentos anos. Segundo dados historiográficos, durante o processo migratório, os *bantuteriam* partido do atual Camarões e se espalhado pela África Central, Oriental e do Sul (como mostra a figura 2). Dos principais motivos de deslocamentos está o aumento da população, o que obrigou a migração para terras mais férteis.

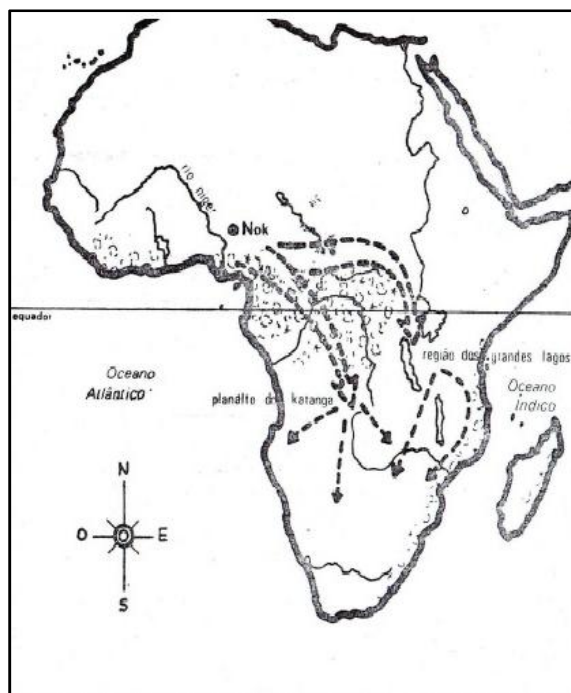


IMAGEM 2: DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÕES DOS GRUPOS BANTU
FONTE: REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE, HISTÓRIA.

De acordo com Silva (1980), por volta do ano mil Depois da Era Cristã –DEC, com a entrada dos povos *bantu* na África Meridional houve um complexo industrial da Idade do Ferro Antiga, caracterizado pela introdução de novos elementos como a metalurgia, a cerâmica e a agricultura, que provocaram a ruptura com as antigas sociedades. Tais aspectos forjaram as principais formas naturais de fusão cultural como relata Serrano:

Desde longa data, nota-se um persistente deslocamento de populações que, partindo da África, mesclaram-se com outras já assentadas, o mesmo ocorrendo no sentido contrário, todas indiferentes às categorias construídas posteriormente para defini-las. De resto, em muitas situações as populações regressavam às suas regiões de origem, sendo que nesse vai-e-vem carregavam consigo dinâmicas sociais, técnicas e culturais inéditas, contribuindo para a sua difusão (SERRANO; WALDMAN, p. 86-87)

Há uma diversidade de fatores que contribuem para a fusão cultural ou aculturação, dentre eles estão as entradas de missionários, de trabalhadores, através do comércio e até mesmo dos casamentos entre grupos étnicos de culturas diferentes.

2.2 Culturas Material, Histórica e Artística de Angola

As Máscaras esculpidas são das mais populares formas de arte tradicional em Angola. Há uma variedade de tipos e formas, tamanhos e qualidade artística. As máscaras normalmente são esculpidas em madeira, bronze e outros metais. Geralmente representam a ideia de descendência, clã ou antepassados da família, divindades, figuras mitológicas, e até mesmo animais.

Ainda hoje, as máscaras continuam sendo as produções artísticas tradicionais mais conhecidas de Angola. Na Angola moderna, a ênfase está pautada, principalmente, no valor estético da arte e torna-se objeto de museu e exposições de galeria, no entanto a sua criação está muito mais pautada nos aspectos simbólicos e em caráter sacralizado. Citarei brevemente alguns exemplos das mais conhecidas, bem como suas representações.

A Máscara de Mwana Pwo (a jovem solteira) representa o ancestral feminino. Esta máscara era usada em rituais de puberdade e fertilidade.

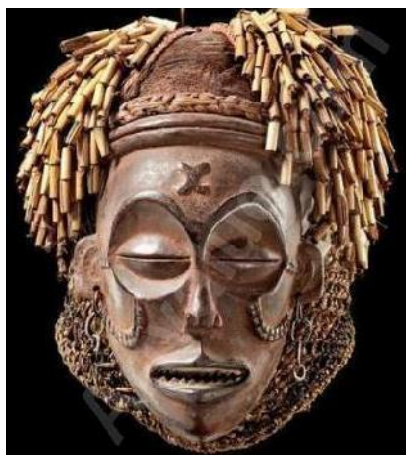


IMAGEM 3: MWANA PWO FONTE: BLOG ABDEL LUNDA

A Máscara de Cihongo (espírito da riqueza) representa o ancestral masculino e ostenta uma expressão de sorriso. Representa um antepassado de origem nobre e simboliza o espírito masculino da riqueza e da autoridade.



IMAGEM 4: MÁSCARA DE CIHONGO
FONTE: INSTITUTO CULTURAL MWANA ZAMBE

No cenário contemporâneo das artes plásticas, há uma gama de artistas reconhecidos internacionalmente por suas obras. Pinturas em telas, esculturas em madeiras, gravuras ou até mesmo a fotografia angolana são expostas em grandes galerias, feiras e museus do mundo. Nomes como Yonamine Miguel, Vitei, lino Damião, Maura Faria, Ana Silva, Edson Chagas, dentre outros artistas angolanos estão presentes em exposições de conceituados espaços artísticos, como na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e na Embaixada de Angola através da exposição coletiva de artes plásticas *Commuting*.

Antônio Ole, por exemplo, é ovacionado por muitos artistas como o mais importante no período pós independência, o qual esbanja criatividade na arte africana contemporânea, utilizando objetos descartados como principal matéria prima em suas obras. Assim como Paulo Kapela, conhecido como o profeta de África, é apresentado pela Galeria *African Contemporary* como um artista capaz de criar representações do seu universo interior que combina parte da cultura *bantu* com o catolicismo, rastafarismo e iconografias socialistas como forma de louvor.

3. O CASAMENTO: características e conceito

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1999), o casamento simboliza a origem da vida humana. Embora a cerimônia, possivelmente, seja uma celebração presente em todas as sociedades, nota-se que ainda há poucos estudos que discorram, especificamente, a respeito do assunto. Sabe-se que o casamento é uma cerimônia reconhecida com alto grau de importância dentro da sociedade, no entanto, os elementos simbólicos presentes no ritual são diversos e na maioria das vezes, estão carregados de simbologias que refletem comportamentos e valores de diferentes grupos étnicos, em que para muitos deles, o casamento é tido como algo sagrado.

Nesse sentido, Perrot (1991) apresenta a união entre duas pessoas de sexos opostos como um dos mecanismos sociais e religiosos criados para garantia da vivência humana na terra, em que a família torna-se o pilar da sociedade e sua base é o casamento. Desse modo, as suas primeiras formas de existência eram vistas como ferramentas de manutenção de relacionamentos entre grupos sociais.

A partir da perspectiva estruturalista de Lévi-Stratuss (2010), sob o aspecto sociológico e político, as fusões culturais, linguísticas e raciais acontecem também por intermédio das uniões conjugais, sendo elas elementos potenciais nos fenômenos de aculturação e mestiçagem racial. O casamento possui aspectos políticos, sociais, culturais religiosos e jurídicos que revelam, principalmente, as formas de organização social e político de dada sociedade, através da vivência dos papéis sociais por cada indivíduo dentro e fora do núcleo familiar.

Segundo Guilouski e Costa (2012), após a influência do cristianismo romano na Idade Média, o casamento passou a ser encarado como um sacramento em que intervinha a vontade divina e revestia-se de forma canônica, mediado pelo ministro do culto. Com o advento da Revolução Francesa, no final do século XVIII, o casamento passa a ser compreendido como um contrato.

Não se encontra muitos relatos a respeito dos registros dos primeiros casamentos na história da humanidade, mas em conformidade com Perrot (1991), os casamentos em países ocidentais, por volta do século XI, eram arranjados pela família dos noivos que buscavam conseguir e perpetuar alianças ou a manutenção do poder econômico. Neste mesmo período, o consentimento mútuo passa a fazer parte da tradição com o decreto de Graciano. Um século após surgem novas condições para a realização do casamento, o qual nasce na esfera privada, mas só é reconhecido a partir do momento que assume o caráter público.

3.1 O alambamento, seus ritos e rituais

Ao abordar sobre o aspecto cultural do casamento angolano, inevitavelmente elucidarei a respeito de elementos considerados fundamentais em sua composição, como a religiosidade, espiritualização dos ritos e os papéis sociais da família na sociedade.

Para os africanos o casamento apresenta características universais como, por exemplo, ser reconhecido pelo grupo social a que pertence às partes envolvidas ou garantir a perpetuação da espécie através do fornecimento de herdeiros e cuidados com a prole, busca promover o fortalecimento de vínculos psicológicos, afetivos, financeiros e culturais dos indivíduos e se constituir como célula da sociedade a qual pertence os indivíduos envolvidos.

Diferentemente das demais, a maioria das sociedades africanas desenvolveu a tradição oral como o elemento basilar tanto para a comunicação quanto para manutenção das memórias e tradições. De acordo com Ki Zerbo (2010), a tradição oral é uma espécie de vanguarda e ao mesmo tempo a ponte que liga as diferentes gerações bem como seus costumes. Elas são as principais responsáveis para a manutenção dos rituais das cerimônias de casamento, o que garante a permanência de seus símbolos e significações.

Guilouski e Costa (2012), afirmam que os rituais são cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos e intencionais que podem ou não ter conotação religiosa, sendo assim, estão presentes em todas as culturas. Os rituais religiosos permitem aos adeptos nas diferentes tradições adentrarem no mundo espiritual divino.

Por meio da linguagem ritualística os seres humanos rememoram e atualizam mistérios e acontecimentos importantes de um passado distante, geralmente explicados por meio da linguagem mítica. Os rituais normalmente são realizados com distintas finalidades como em cerimônias de casamentos, processos de iniciação ou passagem,

litúrgicos, comemorativos ou festivos, propiciatórios, mortuários, divinatórios, de cura, entre outros.

Os ritos são gestos simbólicos repetitivos que expressam uma crença religiosa, um desejo, uma intenção, uma saudação, entre outras finalidades. Logo, os rituais são compostos por uma série de ritos e fazem parte do universo simbólico na organização das sociedades humanas, bem como da sua expressão cultural.

Antes de aprofundar os estudos a respeito do casamento angolano, é importante acentuar que, embora haja outras formas de casamentos no país devido as suas multiculturalidades mencionadas anteriormente, até mesmo quanto aos rituais; o objeto de estudo deste trabalho é o casamento tradicional ou *alambamento*, o qual é analisado sob os aspectos culturais, etnográfico e semiótico.

Outra questão a ser evidenciada refere-se à diversidade de versões sobre o que consiste associação do termo *alambamento*. Há indícios que em determinada época o termo *alambamento* referiu-se à cerimônia de casamento, tendo assim reconhecimento e legitimidade social. Em outras versões, refere-se apenas ao pedido para o enlace matrimonial, o que não atesta ao nubentes os direitos sociais e legais enquanto esposo e esposa.

De acordo com Mbambe⁹, uma portaria do então Governo-Geral da República de Angola, de 22 de dezembro de 1948, caracterizou o *alambamento* como a prova do casamento.

Sobre os elementos culturais presentes na cerimônia de casamento ou *alambamento*, identifica-se uma variação desses elementos no tempo e no espaço. Todavia, tais variações não modificam sua importância na sociedade uma vez que exercem profundas influências sobre os indivíduos, assim como norteiam não só os modos de união conjugal, mas também os requisitos, as normas e papéis sociais a serem cumpridos de acordo com os saberes, valores e costumes que os identificam. Essas características são compartilhadas através da vivência coletiva e reconhecidas como tradições, que por sua vez possuem o objetivo maior de justificar, explicar e representar a identidade de uma instituição ou um grupo social.

Para os africanos de maneira geral, as tradições são os elementos vitais da cultura, revividas e reforçadas à medida que são mantidas entre seus membros, mesmo sofrendo alterações no decorrer dos anos como relata Stuart Hall:

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação de elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica, de forma inalterável. Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural. As tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe (HALL, 2003, p.243).

⁹Um Estudo do Alambamento, apresentado no Auditório da Rádio Nacional de Angola, no Lubango.

Em consonância com Hobsbawn (1984), as tradições são reforçadas através dos costumes, os quais possuem as funções de coesão às práticas precedentes, mas não impedem as inovações até certo ponto, pois “a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não devem ser confundidas como a invenção das tradições. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam” (HOBSBAWN,1984, v.5, p.16).

Entende-se por tradições inventadas o “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólicas [...]” (HOBSBAWN,1984, v.5, p. 9).

O recorte espacial para as posteriores análises compreende apenas aos casamentos tradicionais ocorridos em *Uíge*, província situada no extremo norte de Angola, com 16 municípios e 49 comunas, com uma população de 1.426.354¹⁰. A província possui como capital a cidade de *Uíge* e suas fronteiras são a norte e leste, com a República Democrática do Congo, a sudeste, com a província de *Malanje*, a sul com as províncias de *Kwanza Norte* e do *Bengo*, e a oeste, com a província do *Zaire*.

Mesmo entre povos do mesmo grupo podem ser encontradas diferenças, por isso, as descrições são de tradições presentes em dois municípios da província do *Uíge*: *Damba* e *Maquela do Zombo* e menciona os *bakongos*¹¹ provenientes destas áreas que vivem em Luanda há mais de vinte anos.

A língua mais falada pela população desta província, além do português de Portugal é o *kicongo* e os grupos étnicos são majoritariamente dos *bakongos*, *kimbundu* e *ovimbundo*, seus costumes culturais e religiosos foram significativamente influenciados pelos povos *bantu*.

Conforme Malandrino (2010), a religiosidade *bantu* pode ser entendida como algo que se encontra presente nas instituições sociais e a partir dessa lógica, não há distinção entre profano e sagrado¹². Pois sob uma perspectiva religiosa essas sociedades entendem a vida como um todo, uma vez que os mundos visíveis e invisíveis são apenas reflexos um do outro.

As religiões existentes perpassam por uma característica monoteísta e apresentam a figura divina como o ser supremo que mantém uma relação verticalizada com o ser individual (*Muntu*), e, posteriormente coletivo (*Bantu*) como registrou o padre Altuna:

Há um movimento vertical de Nyambe (Deus) para o Muntu (Homem), em seguida um movimento horizontal do Muntu para os outros homens: Bantu. O equilíbrio de forças é, acima de tudo, espiritual, depois físico, seguidamente social e, por fim, cósmico e universal. Eis porque a determinação religiosa através do social resulta compensação de uma verdadeira função sócio genética da religião. Todos os

¹⁰Província de Uíge. Acesso <http://www.muanadamba.net/provincia-do-uide-caracteristas-gerais.html>

¹¹O grupo Bakongo localiza-se originalmente na fronteira norte de Angola com o Congo Kinshasa, estando também presentes no Congo Brazzaville (região do antigo Reino do Kongo formado no século XIV). A classificação das etnias em Angola leva em conta o critério lingüístico. Dessa forma, o país conta com cerca de 10 grupos étnicos, sendo que os três maiores grupos – Ovimbundu (língua umbundo), Ambundo (língua kimbundo) e Bakongo (língua kikongo) – somam 75% da sua população. Estas populações são do tronco lingüístico bantu, que predomina na região centro-sul da África.

¹²ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

seres, segundo os bantu, têm o Ser Supremo por origem. Recebem d'Ele vida e movimento. (...) É no encaço da religião que convém considerar a antropologia bantu. Ela é nambeista: isto é, religiosa (ALTUNA, 1985, p 63 3 64).

Conforme Beviláquia (1976), o casamento é um contrato bilateral e solene pelo qual um homem e uma mulher se unem, indissolavelmente, e suas relações sexuais, são legalizadas, estabelecendo uma estreita comunhão de vida e de interesses como o compromisso de criar e educar a prole que nasce de ambos.

Para a sociedade angolana assim como na maioria dos países africanos, a procriação é o principal objetivo do casamento e tal condição é fomentada em uma espécie de preparação que ocorre quando os meninos e meninas ainda estão na puberdade, conhecido como iniciação. Em tradições como essas a ideia de não ter filhos é considerada como um fator negativo ou até mesmo uma maldição:

Dentro dessa tradição a escolha de não ter filhos é algo impensável, a falta de filhos para uma família é vista como uma mensagem, muitas vezes um aviso por parte dos antepassados ou ainda uma dificuldade imposta por um espírito que quer prejudicar aquela família. Apenas para lembrar, dentro da tradição *bantú*, o fim da existência de alguém está vinculado à falta de descendência (MALANDRINO, 2010, p. 65-66).

Nessas tradições existem pelo menos mais dois importantes ritos para o processo da constituição familiar tradicional, são eles¹³:

- A) Iniciação da puberdade- Um dos costumes mais importantes tradicionais de Angola é conhecido como o rito da puberdade (Iniciação da Puberdade). Neste ritual os meninos e as meninas quando chegam a idade apropriada são iniciados na fase adulta, em que ambos são preparados para os seus respectivos papéis sociais. O processo dura algumas semanas e termina com festa para a comunidade. Normalmente os rituais de iniciação masculina incluem instruções sobre questões sexuais, a preparação para assumir o papel conjugal e as outras tarefas que a vida adulta irá exigir deles. A maioria dos ritos de iniciação exige que os rapazes sejam submetidos a um teste de coragem e fortaleza, uma prova de sobrevivência durante a qual devem ficar sozinhos na floresta durante um determinado período de tempo. A dança com máscaras é outra característica importante dos ritos de iniciação dos rapazes, sendo assim, eles devem juntar-se com outros homens e não com as crianças e mulheres, como faziam antes dos ritos de iniciação.

De igual forma, os ritos de iniciação feminina também são realizados quando elas atingem sua idade fértil. São preparadas pelas mulheres mais velhas para serem esposas e mães; papel tradicional da mulher na sociedade.

- B) Nomeação- Em Angola, o parto é tido como o cumprimento de casamento. Nas sociedades tradicionais, a gravidez é esperada por todos os familiares. As mulheres grávidas são cuidadas e mantidas em casa durante toda a gravidez, com a ajuda das mulheres mais velhas da tribo. Contrariamente aos costumes ocidentais e europeus há pouco aconselhamento em questões planejamento familiar. A cerimônia de nomeação acolhe formalmente o recém-nascido ao mundo e o torna

¹³Cerimônias Tradicionais: culturas e costumes de Angola acesso em [ttp://blog.micaelareis.com](http://blog.micaelareis.com)

humano perante a sociedade. Tradicionalmente, esta cerimônia é dirigida por um ancião da família, que confere à criança os nomes que o pai indicou.

Em Angola os nomes nunca são meras palavras, eles refletem a história de uma pessoa e definem a sua personalidade e identidade. Normalmente os nomes são dados com base nas circunstâncias do nascimento da criança ou condições relacionadas com a família. As crianças também podem receber os nomes dos antepassados, devido à crença de que esses ancestrais irão proteger aqueles que recebem esses nomes.

Vale salientar que, embora o *alambamento* seja uma prática tradicional comum entre diferentes países africanos, no que diz respeito a sua veracidade e legitimidade, as opiniões entre os estudiosos divergem, devido às várias interpretações sobre suas representações simbólicas. Há também uma variedade de práticas ritualísticas que são modificadas a partir de fatores culturais, religiosos e etnográficos. Sobre este aspecto, o casamento aqui descrito perpassa sob o crivo do olhar de um jurista angolano¹⁴.

De acordo com Mbambi¹⁵ o *alambamento* é um neologismo criado pelos angolanos para preencher a lacuna verificada na língua portuguesa para designar *ovilombo* (pedido de casamento) em *Umbundu*. Para o autor o termo *ovilombo* surge do verbo *okulomba* que significa “pedir” em português. Há também uma variação linguística para a pronúncia *alembamento*, termo que surge da palavra *okulemba* (*alegrar para consolar*), em que de acordo com depoimentos “a retirada da filha para o seu novo lar pode causar alguma tristeza aos pais, e há que consolá-los (com um presente!)” (MBAMBI, 2014, P.2). Mbambi é um defensor do pedido e justifica o ponto de vista dos africanos a respeito:

Mas, acima de tudo, o *alambamento* é visto pelos africanos como um prémio à noiva pelo seu bom comportamento pessoal e pelo de seus pais que a criaram, porque não é muito fácil educar uma filha em virtudes, dadas as muitas tentações na vida que a espreitam. O bom comportamento dela pressupõe o bom comportamento dos seus pais, pelo que todos devem ser premiados: a filha e os seus pais! Esse prémio é que é exactíssimamente o *alambamento*! (MBAMBI, 2014, p.2)

De acordo com Valente¹⁶, dois terços dos países do continente africano praticam o *alambamento*, prática também verificada em alguns países da Ásia.

Este refere-se a um conjunto de preparativos e entregas que a família do noivo faz à parentesco (também chamados laços de afinidade ou aliança). Consiste na entrega de quantias em dinheiro, roupas, calçados, bebidas, animais e determinados objetos, que são comumente solicitados pelas tias da noiva.

Assim como em muitos países ocidentais, por exemplo, o ato de oferecer um anel com uma pedra de brilhante significa as intenções matrimoniais do interessado (prática que também está sendo utilizada em substituição do *alambamento* por algumas famílias

¹⁴MBAMBI, Moisés _Prof. Auxil. de Direito, na Universidade Agostinho Neto, e Advogado, no Lubango : Mestre em Ciências Histórico-Jurídicas pela Universidade de Lisboa.

¹⁵MBAMBI, MOISÉS. O casamento ao longo dos tempos (Tese de Mestrado na Universidade de Lisboa), pp. 70-81.

¹⁶VALENTE FRANCISCO (Padre), A problemática do matrimónio tribal, Lisboa.

angolanas), em sociedades tradicionais africanas, as intenções matrimoniais prescrevem uma série de requisitos materiais e simbólicos “que estão ligados aos saberes dos indivíduos e grupos” de dada sociedade. O fenômeno atribui á mulher desejada um alto valor moral perante a sociedade em que convive, como descreve Mbambi:

da noiva, com o intento de legitimar o casamento e estabelecer novos laços de

Veja-se que uma rapariga africana, por quem se não pague o alambamento considera-se infeliz e desprezada. Não se considera estimada na sociedade em que vive. Se se lhe dá o alambamento aos pais, passa a considerar-se notável, e fica, por isso, muito feliz. Acha-se como que uma pérola na sociedade em que vive e, por isso, alguém se sacrifica para a ter sempre a seu lado, pois a oferta de algo de valor que se dê por alguém significa sempre algum sacrifício que se faz por esse alguém (MBAMBI, 2014, p.3)

A carta de pedido¹⁷, muitas vezes elaborada pelos pais ou tios da noiva, consiste em uma lista de pedidos de bebidas e objetos simbólicos para aquele grupo social. O cumprimento e entrega desses elementos representa a firmação desse compromisso perante a sociedade, a qual presencia como forma de testemunho ocular do contrato social. “O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que um testemunho humano, e vale o que vale o homem” Ki Zerbo (2010, p.168).

Em muitas etnias *bantu*, o *alambamento* ou casamento tradicional é o mais importante, pois concede ao marido a categoria de genro. É com o *alambamento* que se adquire os poderes de marido sobre uma mulher e de pai sobre os filhos, os quais por sua vez são criados dentro da moral cívica das suas culturas. A mulher *bantu*, por exemplo, usa panos como vestidos, suporte para segurar as crianças junto ao corpo ou como turbantes. O uso de roupas consideradas indecentes (calça, *shorts*, mini-saia, roupa transparente ou apertada), não são bem vistas pela sociedade.

Um casamento só se realiza com o acordo dos pais, principalmente do chefe do clã ou “família” materno chamado *Nkulubundu* e dificilmente se trata com os noivos, mas sim com os mais velhos destes com a presença das testemunhas chamadas *Ntetembua*, representados pelos sábios e anciãos da comunidade.

As descrições aqui mencionadas pertencem a práticas contidas na tradição *bakongo*¹⁸ que por sua vez, sofreram influência dos *bantu*. No entanto, como dito no capítulo anterior, embora os povos *bantu* tenham exercido uma forte influência na formação cultural e etnográfica de Angola, deve-se considerar a existência de outros grupos não-bantu, também encontrados no país como, por exemplo, *Khun*, conhecidos como *bosquímanes*, presentes no sul do país.

4. Semiótica, fotografia e comunicação

4.1 Do objeto

¹⁷ Segue em anexo no final do Trabalho.

¹⁸ Alambamento na Tradição Bakongo; resultado de um estudo sociológico realizado ao longo de um ano que serviu como tema de dissertação de fim de curso na área de Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Publicado em 11 Outubro de 2009, disponível no endereço eletrônico <http://www.muanadamba.net/article-o-alambamento-na-tradi-o-bakongo-37323020.html>.

Como proposto na introdução desse trabalho, o objetivo do estudo consiste, inicialmente, na análise semiótica de quatro fotografias de casamento tradicional angolano. As imagens aqui utilizadas são de domínio público, e encontram-se disponíveis em páginas *online*¹⁹

As fotografias a serem analisadas são compreendidas como signos que permitem a decodificação dos seus símbolos, ritos e rituais. Dessa forma, buscarei identificar as possíveis relações desta cerimônia com o contexto sociocultural em que as pessoas envolvidas pertencem. Esta análise não está centrado na crítica estética dos elementos fotográficos como composição, enquadramentos, luz entre outros. Primeiro pelo desconhecimento da autoria das imagens analisadas e segundo, porque o foco central deste trabalho está na identificação e interpretação dos elementos simbólicos presentes nas fotografias de casamento angolano, bem como a sua significação como um dos principais costumes vigentes da sociedade.

Entre as várias correntes de estudos semióticos, a proposta de aplicação terá como base a teoria semiótica desenvolvida por Sanders Peirce²⁰, por, dentre outros motivos, considerar uma ciência mais adequada para a finalidade desejada.

Como descreve Santaella (2002), ao contrário de uma ciência especial e específica, a semiótica desenvolvida por Peirce é uma teoria e disciplina composta por ampla arquitetura filosófica concebida como Ciência, além disso, possui um caráter abstrato e mais abrangente, ao mesmo tempo, permite a análise estética, ética e lógica ou semiótica sob uma observação fenomenológica e metafísica.

As intervenções estarão fundamentadas no primeiro ramo da semiótica peirciana, a chamada gramática especulativa²¹, considero-a suficientemente necessária para fornecer as definições e classificações para os demais tipos de linguagem como a representação, a significação, a objetivação e a interpretação.

¹⁹Disponíveis através do endereço eletrônico <https://tetodeestrelas.wordpress.com/2009/07/31/alambamento/> e <https://pt.globalvoices.org/2010/08/29/angola-o-alambamento-e-os-rituais-do-casamento/> Acesso em: 27 de Jun. 2016.

²⁰Charles Sanders Peirce foi o fundador do Pragmatismo e da Ciência dos Signos, a Semiótica. Peirce também era matemático, físico e astrônomo. Dentro das ciências culturais estudou particularmente Linguística, Filologia e História, com contribuições também na área da Psicologia Experimental. A Semiótica foi a ciência mais recente a despontar no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um peculiar nascimento, assim como apresenta, na atual fase do seu desenvolvimento histórico, uma aparência não menos singular. A primeira peculiaridade reside no fato de ter tido, na realidade, três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.

²¹Nome dado ao trabalho de desvendar tipologias de signos e classificá-las, que deveria ser o primeiro ramo da semiótica. O segundo grande ramo da semiótica é a **lógica crítica**, considerada como a ciência da verdade das representações, ou seja, o estudo da possibilidade de um signo representar seu objeto verdadeiramente. Por fim, Peirce concebeu a **retórica universal** (ou metodêutica) como o terceiro ramo da semiótica, definindo-a como o estudo dos efeitos do signo sobre seus intérpretes – ou, dito de outra maneira, o estudo de como a “forma” é transmitida do objeto ao interpretante, tendo o signo como veículo.

4.2 Semiótica e Comunicação

Entender a comunicação como elemento basilar das relações é algo indispensável para a compreensão do desenvolvimento e das transformações sociais. Neste sentido, a análise dos símbolos são fatores primordiais no processo de interpretação, o qual exige o conhecimento prévio do contexto sociocultural o qual esses símbolos são reconhecidos convencionalmente.

De acordo com Santaella (1996), a conceituação da linguagem, sob o ponto de vista semiótico, a qual é identificada como sistema de geração, organização e interpretação da informação serve, inclusive, como meio de comunicação em que se utiliza de signos. Para a autora, não há comunicação sem a presença dos signos e, muito menos, sem a interação entre os envolvidos em tais processos. Desse modo, tanto a comunicação como a semiótica assumem lugar de destaque no processo de decodificação de mensagens pelo fato de ambas as áreas serem inter, multi e transdisciplinares.

Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, o seu objecto (PEIRCE, 1977, p. 46).

4.3 A imagem fotográfica

No campo das linguagens visuais, o livro *The Act of Creation* de Arthur Koestler, referenciado por Dondis (2007) em “Sintaxe da Linguagem Visual” constitui uma ênfase à importância dos olhos em nossa vida. Para o autor antes mesmo de qualquer outro tipo de manifestação externa da linguagem, o ser humano forma imagens mentais, com base no que foi visto ou sentido anteriormente.

Para Flusser (1985), a imaginação consiste na capacidade de decodificar fenômenos em símbolos e planos para decodificar as mensagens assim codificadas. Fazer e decifrar imagens são características inerentes à constituição da própria condição humana, nesse contexto, a semiótica atenta-se para os diversos tipos de signos, sejam eles icônicos, verbais, naturais e afins, pois todos apresentarão seus modos de significação e suas propriedades.

A imagem fotográfica é o que Flusser (1985) chamou de imagem técnica. Ela possui características ontológicas, estéticas e conceituais:

Trata-se de imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado. Imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais. Historicamente, as imagens tradicionais precedem os textos, por milhares de anos, e as imagens técnicas sucedem aos textos altamente evoluídos. Ontologicamente, a imagem tradicional é abstração de primeiro grau: abstrai duas dimensões do fenômeno concreto; a imagem técnica é abstração de terceiro grau: abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos (abstração de segundo grau); depois, reconstituem a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem. Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas; as imagens técnicas são pós históricas. Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. Essa

posição as imagens técnicas é decisiva para o seu deciframento (FLUSSER, 1985, P.10).

Através da fotografia de casamento, é possível identificar os principais elementos representativos presentes na cerimônia e qual a relação do fotógrafo com os costumes vigentes, uma vez que “[...] existe sempre uma *motivação* interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a *criação* de uma fotografia e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este *seleciona o assunto* [...]” (KOSSOY, 1999, P.27). Para tanto, o fotógrafo recorre à técnica, ao equipamento e, sobretudo, recorre à sensibilidade para a captura de belas imagens que, criteriosamente, selecionadas formará uma narrativa visual.

Durante o processo que pesquisa deste assunto foi identificado que a “fotografia profissional” de casamentos tradicionais angolano não é algo tão disseminado quanto as fotografias de casamentos brasileiros.

Para Santaella (2002), dentro da classificação semiótica de Peirce, as fotografias são signos icônicos, ou seja, signos que agem como tal em função de uma relação de semelhança com seus objetos, os quais estão subdivididos em imagem (relação de semelhança), diagrama (representa se objeto por similaridade), e metáfora (representa seu objeto no significado). A partir dos estudos semióticos a imagem fotográfica atesta existência, por isso é considerada um índice, sobre isso, Roland Bathes afirma:

A imagem, diz a fenomenologia, é um nada de objeto. Ora, na fotografia, o que coloco não é somente a ausência do objeto; é também, de um mesmo movimento, no mesmo nível, que esse objeto realmente existiu e que ele esteve onde eu o vejo (BATHES, 2015, p. 47).

5. Análise, decodificação dos símbolos e associação das relações socioculturais da tradição *bantu*

Conforme Eco (1994), o homem é um animal simbólico e toda a sua expressão e cultura, bem como seus ritos, costumes, instituições e relações sociais são formas simbólicas de organização e comunicação mútua. Dentro deste processo de decodificação e interpretação as associações podem evidenciar a representações simbólicas presentes nas cerimônias de casamento tradicional contidas nas fotografias. Para uma compreensão a respeito do posicionamento dos símbolos na semiótica e a sua relação com os demais elementos, Santaella explica:

O objeto imediato do ícone é o modo como sua qualidade pode sugerir ou evocar outras qualidades. O objeto imediato do índice é o modo particular pelo qual esse signo indica seu objeto. O objeto imediato do símbolo é o modo como o símbolo representa o objeto dinâmico. Enquanto o ícone sugere através de associações por semelhanças e o índice indica através de uma conexão de fato, existencial, o símbolo representa através de uma lei (SANTAELLA, 2002, P 20).

Nos estudos de comunicação existem duas correntes de investigação distintas, a saber: a que compreende a comunicação, sobretudo, como um fluxo de informação²⁴ e outra que entende a comunicação como uma “produção e troca de sentido”. Roland Barthes (1990), em *Retórica da Imagem*, sistematiza mediante a noção de semiótica conotativa e denotativa de Hjelmslev, a teoria da estratificação dos sentidos e faz a distinção entre o primeiro sentido (denotação) e o segundo sentido (conotação). A

²⁴A ideia de que a comunicação é uma transmissão de mensagens surge na obra pioneira de Shannon e Weaver, *A Teoria Matemática da Informação* de 1949.

diferenciação básica entre ambas, no processo de decodificação está tanto no seu significado (denotação), como, sobretudo, no seu sentido (conotação). A partir desse entendimento, compreende-se o símbolo como algo codificado que possui seu potencial interpretativo, o qual sob o ponto de vista semiótico é algo instituído de forma convencional – simbólica.

No processo de interpretação das imagens observa-se que os rituais que ocorrem nas cerimônias de casamentos tradicionais, fazem parte de um universo simbólico específico, o que traduz sua expressão cultural.

Os símbolos denunciam a identidade cultural de determinados grupos coletivos, ao mesmo tempo em que estabelecem pontos em comum, o que gera dentro de uma sociedade o sentimento de pertencimento e, posteriormente, de representatividade.

5.1 Análise das imagens

O reconhecimento da noiva pelo noivo

- **Sentido Denotativo**- um homem diante de três mulheres inteiramente cobertas com panos de estampas semelhantes.
- **Sentido conotativo**- Como a família, na sociedade tradicional angolana, é tida como o centro da formação social, o ritual de reconhecimento da noiva é uma prática simbólica, na qual o homem, aquele que escolheu a mulher que irá casar-se é colocado a prova, sobre as formas de intimidades e cumplicidades desenvolvidas entre os nubentes. Algumas vezes o noivo precisa reconhecer a sua noiva dentre as demais mulheres até mesmo sem tocá-la, apenas pela observação das formas do corpo, através do pano. Neste ritual também são realizadas outras práticas semelhantes que visam, na maioria das vezes, reforçar para o homem e seus familiares que a mulher escolhida está apta a desenvolver o seu papel social de esposa e mãe.



IMAGEM 5: O RECONHECIMENTO DA NOIVA
FONTE: WELCOME TO ANGOLA

A entrega do pedido

- **Sentido Denotativo** Um grupo de pessoas reunido em um cômodo, onde há quatro pessoas em pé, em volta de caixas e garrafas de bebidas importadas. Há um senhor, aparentemente mais velho que possui uma folha de papel em sua mão esquerda. Há também um homem sentado do lado direito da fotografia trajando um terno.
- **Sentido conotativo** De acordo com a tradição esta é a entrega do pedido feito pelos tios da noiva, o *alambamento*. De forma simplificada o *alambamento*, consiste na entrega dos objetos e do dinheiro pedidos em forma escrita pelos pais e/ou tios da noiva. Mbambi (2014) compara o *alambamento* com o *mahar*, costume antigo praticado pelos povos hebreus que possuía a mesma finalidade. Entre os hebreus, cifrava-se em 50 siclos de prata; entre os angolanos é variável, conforme a região, mas o valor médio do *alambamento* cifra-se em 100 dólares. Para os angolanos é como um presente dado à família da noiva como forma de reconhecimento e gratidão pelo seu bom comportamento e virtude familiar. O autor explica que na idiosincrasia africana, as famílias que possuem filhas procuradas para casamento numa dada sociedade, são consideradas virtuosas e por isso, são bem vistas perante a mesma.



IMAGEM 6: A ENTREGA DO PEDIDO
FONTE: TETO DE ESTRELAS

A dança

- Sentido denotativo: Apresenta um grupo de pessoas e evidencia dois casais dançando ao centro.
- Sentido conotativo: A dança para os angolanos, bem como para a maioria dos africanos é parte da essência do seu povo. Ela acentua a unidade entre seus membros, por isso que na maioria das vezes, é uma atividade grupal. Todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com dança, nascimento, morte, plantio ou colheita; ela é a parte mais importante das festas realizadas como forma de gratidão. A dança está presente na vida dos angolanos independentemente das demais diferenças culturais e em sua maioria, todos os homens, mulheres e crianças dançam. Em ocasiões tradicionais ou com finalidades de cultos, as danças podem ser realizadas por bailarinos profissionais e com o uso de máscaras. O *Kizomba*, por exemplo, é o ritmo angolano mais conhecido

internacionalmente. O termo deriva da palavra *Kimbundo*, que significa “festa”. Normalmente esse é um ritmo que estará sempre presente nas celebrações de comemorações dos angolanos.



IMAGEM 7: A DANÇA



IMAGEM 8: AS ROUPAS E O USO DOS TURBANTES

Vestuários

- Sentido denotativo: Seis mulheres negras vestidas com vestidos e panos de modo semelhantes. As cores são predominantemente quentes, com panos, usando turbantes e acessórios.
- Sentido conotativo: Para os estudiosos da moda, a roupa tem a função de comunicar um conjunto de signos que identificam o indivíduo em um grupo, ao mesmo tempo expressam a sua singularidade. Essas funções podem então demonstrar a variação, a qual Gilson Monteiro⁸ refere-se quando afirma que a simbologia é algo que se altera de cultura para cultura e que o consumidor busca no produto não só uma qualidade física, mas também uma representação imagética do grupo que a vestimenta representa.

Por se tratar de um produto da cultura material humana e capaz de envergar tantos significados, a cobertura corporal – incluindo aqui desde os enfeites até o vestuário propriamente dito – tem sido utilizado desde seu surgimento como instrumento de organização em várias sociedades. Serviu de alicerce pra a manutenção de tradições, elementos distintivos de classes e funções sociais, símbolo para ritos de passagem, suporte para informações a respeito do indivíduo e do grupo a que pertence. O vestuário se tornou, em grande parte pelo seu caráter simbólico, a primeira materialização do fenômeno de Moda, juntamente com os costumes, que são a essência da cultura humana, as normas de convivência em sociedade, transmitidas ao longo das gerações (EMERCIANO, 2009 p.9).

Os panos africanos, bem como suas estamparias possuem representações e significações diversas que dependem dos grupos sociais as quais as mulheres pertencem. Para muitas delas, sua utilização em festividades e cerimônias são formas de manutenção e valorização da tradição. A diferenciação das predominâncias de cores presentes nos panos depende das influências etnias, as quais pertencem essas mulheres. No caso de Angola, o uso de cores como vermelho, preto e amarelo estão sempre presentes nas composições de vestimentas e são relacionadas às cores e significações da bandeira do país.

Os turbantes são panos, de aproximadamente 45 cm, usados também pelas mulheres tradicionais angolanas. Dentre outras finalidades elas envolvem a cabeça com uma espécie de amarração. O adereço que, embora não possua informações exatas sobre a sua origem, para muitas delas significa proteção e beleza feminina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a existência das semelhanças em uma série de características culturais entre os povos africanos e outros povos, sobretudo em relação ao Brasil, onde permeia suas artes tradicionais de forma singular, bem como seus sistemas de pensamento e de crenças. Entretanto, nos processos de aculturação devem ser considerados os fatores de modificações e ressignificações de sentidos.

Pressuponho que, embora o contato direto com os angolanos tenha sido um fator importante para o conhecimento primário de tamanha riqueza cultural, ainda há muito que se descobrir e registrar, pois os processos de aculturação e globalização são fenômenos que atuam como “fatores modificadores” das culturas tradicionais.

Para os angolanos, por exemplo, a formação familiar, composta pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos e/ou filhas ainda é o símbolo de manutenção da ordem social e dos valores e costumes antigos. No Brasil, atualmente essa composição familiar passa por novos questionamentos e ressignificações.

Nos aspectos fotográficos, constata-se que o registro dos costumes requer do fotógrafo atenção e sensibilidade suficiente para captar esses valores e representações, de modo que garanta a essas imagens além da preservação da memória, se constituir também como uma forma de registro das tradições.

Ratifico, enquanto fotógrafa social, sobre a importância do conhecimento e reconhecimento dos valores e costumes que regem determinadas sociedades, bem como seus casamentos ou qualquer outra cerimônia. É indispensável o prévio conhecimento de

determinados rituais que perpassam pelo crivo simbólico, os quais são compartilhados entre os que deles se identificam.

No processo de elaboração deste trabalho, foram identificadas lacunas abertas relacionadas às influências causadas pela atual diversidade religiosa e o casamento tradicional angolano; e sobre as razões da ausência de disseminação midiática da fotografia profissional dos casamentos tradicionais. Ainda assim, observa-se a manutenção dos seus significados e representações no decorrer dos anos e mesmo em um contexto de multiplicidades culturais, a tradição é repassada de geração a geração.

Para muitos angolanos, o reconhecimento do *alambamento* como casamento é reafirmar valores sociais já estabelecidos como, por exemplo, o papel de destaque que a família ocupa na estrutura social e a figura feminina como um elemento basilar nessa estrutura, pois atesta o cumprimento das funções atribuídas como virtualidade feminina, potencial de coesão social e o reconhecimento da comunidade.

ANEXO

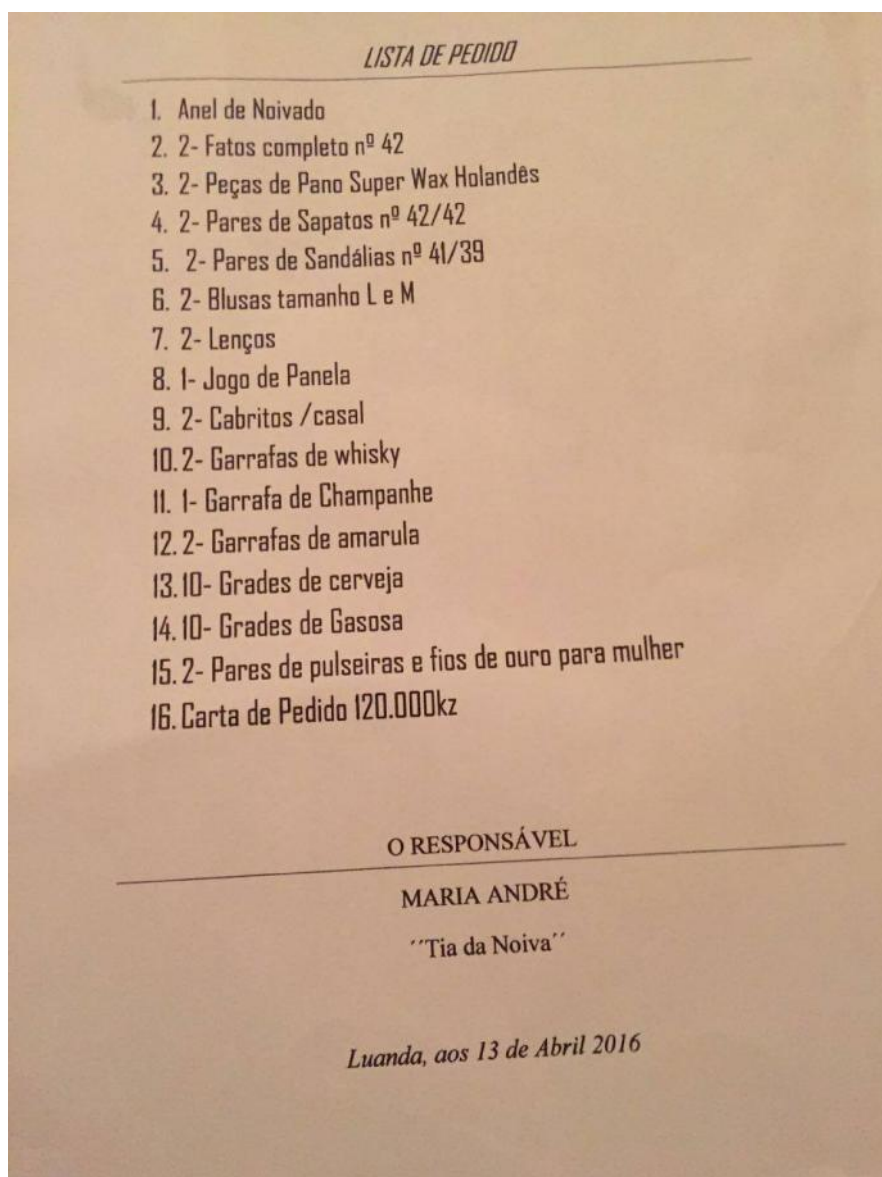


IMAGEM 9: CARTA DE PEDIDO

REFERÊNCIAS

ALTUNA, P. R. R. A. **Cultura tradicional bantu**. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

ANGOLA. A História. Disponível em: <<http://www.angola.gov.ao/historia.aspx>>. Acesso em: 18 maio 2016.

AZEVEDO, Álvaro Villaça. União estável: antiga forma de casamento de fato. **Impulso**, s.n. [S.l: s.d.]. p. 159-168. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/casamento_de_fato.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2016.

_____. **Estatuto da família de fato**. 2002.

BARTHERS, R. **A retórica da Imagem**: o óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, R. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia/ Roland Barthes; tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BEVILÁQUIA, C. **Direito de Família, Sociedade, Cultura**. Rio de Janeiro, 1976.

CECÍLIA, Débora. **Alambamento, casamento tradicional de Angola**. 2009. Disponível em: <<https://tetodeestrelas.wordpress.com/2009/07/31/alambamento/>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

COSTA, Norberto. Um olhar prévio sobre a exposição de 10 artistas plásticos angolanos em Londres. **Cultura**: Jornal Angolano de Artes e Letras. 13 jan. 2014. Disponível em: <<http://jornalcultura.sapo.ao/artes/um-olhar-previo-sobre-exposicao-de-10-artistas-plasticos-angolanos-em-londres/fotos>>. Acesso em: 04 de jun. 2016.

CULTURA e Costumes em Angola. Disponível em: <<http://gasparjoao.skyrock.com/2155465935-CULTURA-E-COSTUMES-EM-ANGOLA.html>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

ECO, U. **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença. 1990.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. SP: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIDALGO, A. **Semiótica Geral**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo, Editora Hucitec. 1985.

GUIA do Mundo 2000-2001: Atlas Enciclopédico Mundial. Lisboa: Trivona, 2000.

GUILLOUSKI, Borres.; COSTA, Diná Raquel D. da. Ritos e rituais. In: Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades, 2. Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC PR, 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/2jointh?dd99=pdf&dd1=7577>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

HELLERN, V.; NOTEKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBSBAWN E. & RANGER T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. V5

JOLY, Martine. **A imagem e os signos**. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **A Imagem e os Signos**, Lisboa: Edições 70 (Coleção Arte & Comunicação, n. 87.)

KI-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África, I: metodologia e pré-história**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2010. 992 p.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **História da vida privada**. São Paulo. Claude. 1962.

MACEDO, José Rivair. **História da África**, José Rivair Macedo- São Paulo: contexto 2013.

MACHADO, Carlos. **Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente**. Florianópolis: Bookess, 2014. Disponível em: <<http://www.bookess.com/read/19840-ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente/>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

MÁSCARAS Tradicionais. Disponível em: <<http://abdelunda.blogspot.com.br/search?q=m%C3%A1scaras> > Acesso em: 18 de mai. 2016.

MEDEIROS. J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. Ed. 12. São Paulo: Atlas, 2014.

MEDINA, do Carmo. **Coletânea de direito da família Maria**, 2001.

MONTEIRO, Gilson. **A Metalinguagem das Roupas**. Lisboa. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1997.

NIANE, Djibril Tamsir (Ed.). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 896 p.

NKONDO, Makuta. **Tradição bantu**. Disponível em: <<http://ilabantu.inzotumbansi.org/cultura-e-tradicao-bantu>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

ORGANIZAÇÃO Social da Africa pré-colonial.
<<http://oridesmjr.blogspot.com.br/2013/05/a-organizacao-social-da-africa-pre.html>>.
Acesso em: 27 abr. 2016.

PEIRCE, C. S., **Semiótica**, S. Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

PEREIRA, L. N. N. **Os Bakongo de Angola**: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008.

PORTAL de Angola. Disponível em <<https://www.portalangop.co.ao/angola/pt>>. Acesso em: 07 maio 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Comunicação e Semiótica**. WinfriedNöth. São Paulo: Hacher Editores. 2004.

SANTOS, Eduardo. **Religiões de Angola**, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar. 1969.

SILVA, Rosa Cruz, referindo-se a ERVEDOSA, Carlos. **Arqueologia Angolana**, Lisboa, Edições 70. 1980.

UKWATCHALI, José Adriano. **O fenômeno religioso na cultura umbundu como processo**.

VALENTE, Francisco. **A problemática do matrimónio tribal**. Lisboa, 1985. . Raul Ruiz de Asúa, Cultura tradicional bantu, p. 370-371.

ZAU, Filipe. **Angola [Em linha]**: trilhos para o desenvolvimento. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.